

RESENHA

DE COMO O PODER MATOU A ESPERANÇA

Luis Esteban Dominguez*

TAVARES, Flávio. *O dia em que Getúlio matou Allende*. Rio de Janeiro, Record, 2004, 303 p.

Tendo em mente os últimos 50 anos de luta pelo poder político do país, pelo controle da economia, pela idéia de Brasil, se fosse necessário, por uma questão de método, estabelecer um divisor de águas na formação da classe política, este divisor, para Flávio Tavares, provavelmente, seriam os 20 anos de governo militar.

O dia em que Getúlio matou Allende merece um olhar atento dos que procuram explicações para elaborar uma compreensão maior da herança política atualmente em atividade, para aqueles que se perguntam: somos herdeiros do golpe militar ou continuadores de Getúlio, JK e Jango? Sobre que parâmetros estão assentadas as bases do atual fazer político?

Estas apreciações não emanam objetivamente do texto escrito, mas o leitor arguto as encontrará nos curtos comentários do autor sobre a nossa política atual, comentários que “pulam” nas suas referências – e isto é uma intenção manifesta do autor –, o período do regime militar, estabelecendo, assim, e abusando do contraste, um fio condutor com o nosso “passado democrático” dos 50 e 60.

Estes assuntos constituem uma parte das reflexões do autor: a parte invisível. A forma que escolheu para trabalhar¹ obedece, em parte, à sua experiência como jornalista e homem político. Em parte, pois do livro emana a posição do autor perante a vida, uma vida de escolhas, sofrimentos e resignações, que está posta ao longo do texto. Trata-se de um livro escrito com o coração.

Qual a intenção de semelhante exposição? Apresentar as personagens históricas numa relação entre intimidade e poder, ver homens por trás dos nomes, afetos e defeitos, uma maneira de apontar para a condição humana, naquilo que ela pode ter de glorioso, perverso ou contraditório. Um entender a si entendendo o Brasil.

Isto quer dizer que o país ocupa um lugar central na análise e exposição dos fatos no livro; mas, ao mesmo tempo, o autor não o isola nem no tempo nem no espaço nem na história; ao contrário, ele enfatiza as suas características, apresentando-nos os homens do poder em outras latitudes – americanas (nosso continente), como Perón ou Kennedy, ou européias, com De Gaulle. Nada como o contraste para gerar comparações na lucidez do leitor e, talvez, para dizer “pinta tua aldeia e pintarás o mundo”, como Tolstoi apontava.

Num primeiro momento do livro, o autor refere-se a um encontro nas ruas de Xangai com Salvador Allende, na época senador chileno em viagem à China, pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. Este fato é apresentado como referência simbólica para a narrativa que entrelaça os destinos do Brasil aos da América Latina, numa leitura historiograficamente importante – na medida em que mostra a confluência da história na constante forja das Repúblicas latino-americanas.²

A técnica do testemunho³ documentado é o recurso utilizado para tecer um perfil dos destinos do Brasil na figura dos seus governantes, num perfil íntimo, de caráter e vaidades. Getúlio Vargas, marechal Lott, Juscelino, Jânio e Jango representam o Brasil pré-1964 na primeira parte do livro. Na segunda parte o autor nos apresenta, mais uma vez por contraste, a nossa peculiaridade latino-americana, ao narrar os seus contatos com Che Guevara, De Gaulle, Perón. Um trecho importante, subjetivo e de muito valor para entendermos o tipo de preocupação do autor é a sua visita ao Museu (quarto) de Frida Kahlo.

Aqueles inícios dos anos 1950 permanecem intactos até hoje na Casa Azul: num cavalete ao lado do leito, a última pintura de Frida, um retrato inconcluso de Stálin, em uniforme de gala, branco. Um quadro medíocre, em verdade cópia de uma gravura soviética que se vendia em Moscou nas estações do metrô, mas no qual ela pretendia retratar o marechalíssimo no esplendor do seu domínio total de reencontrado guia e líder.

Pela primeira vez, a sua pintura era uma cópia vulgar, quase desengonçada. Perguntei-me: o que teria pensado e sentido Frida Kahlo enquanto seus dedos pintavam a efígie do homem que tinha mandado matar Trotski? Ou a exaltação postiça de Stálin para outra vez pensar em Trotsky?

Ou extravasava, apenas, o seu amor por Diego, acalmando a morbidez do ciúme pessoal ou do amor-próprio ferido?

– Não sei, é a primeira vez que pinto assim! – teria respondido ela, com certeza, se alguém lhe houvesse perguntado por que pintava assim pela primeira vez.

Sim, pois nem ela, talvez, soubesse explicar por que seu último gesto como pintora fosse aquele retrato do homem que mandou matar o homem que uma vez ela amou (...).

Na costura histórica, a partir de personagens com diferentes perfis de poder ou de caráter, surge uma parte da história latente da América Latina,⁴ constantemente acompanhada pela vigília dos Estados Unidos; na aparente disparidade dos escolhidos para a

narração, o sofrimento, a fragilidade, a dúvida ou o caráter se encarregam de formatar os contornos que dão sentido e conteúdo, do início ao fim do livro, à proposta do autor. A América Latina, este continente “peculiar”,⁵ está retratada na diversidade das suas personagens, não tão distantes da diversidade dos seus povos.⁶ Da sua aldeia, seu mundo.

O distanciamento de Getúlio Vargas, a retidão e ética do marechal Lott, a expansividade quase irresponsável de Juscelino, a ambivalência de Jânio Quadros e o acanhamento de João Goulart. Estes representantes do poder do Estado vêem-se num contraponto a outro poder, a força da paixão, como a de Frida pela vida, por Diego e León, pela sua ideologia; a guerrilheira humanidade de Ernesto Guevara, a glória encarnada no velho general De Gaulle, que parece andar acompanhado do busto que lhe será erguido após a morte; a vaidade quase infantil do general Perón, preparando-se para voltar aclamado para o local de onde tinha sido expulso 18 anos antes.

Como não ver que por trás destas figuras também estão as emoções e as paixões dos milhões de pessoas que estiveram prontas a muitos sacrifícios, e que muitos de fato realizaram, como os maquis da França Livre, como os soldados de Che no Congo, em Cuba ou na Bolívia, os milhares que agitaram as vassourinhas de Jânio, os peões que construíram Brasília, os gaúchos da corrente pela legalidade de Jango no poder, os soldados de Lott? O autor nos estende uma ponte para um passado que não teve evolução, que era para ser e não foi – ele morreu nas páginas não escritas deste livro, morreu efetivamente no dia em que Getúlio matou Allende, o dia em que o presente não teve mais dívidas para com os mortos do passado.

Como se posicionar, em termos individuais – pensemos no autor –, para refletir sobre estes fenômenos, principalmente se foi possível estar tão perto dos acontecimentos, das informações, das personagens até?

É aqui que o autor realiza a mágica da literatura, primeiramente no título, quando nos põe perante dois cadáveres que nunca se cruzaram, mas que, nas páginas do livro, complementam-se num significado histórico e humano único, desfazendo o aparente absurdo da alegoria do título, que “por ser uma alegoria que brota do vivido, passa a ser real”. Um argumento que tem validade.

O outro elemento literário é ditado pela narrativa novelesca e tem a virtude de realizar o restante da operação de transmutação ficção/realidade, fugindo da escrita jornalística e nos aproximando de uma reflexão muito latino-americana: a nossa ficção é a nossa realidade?⁷

Mas o que é o poder se não simulacro de ser dono do poder?

Em que desvãos da história está, há dezenas de anos, o poder absoluto de Stálin, esse homem de aço? Ou o dos recentes generais-ditadores do Brasil e da América Latina?

O poder como assunto de homens atrelados aos sentimentos, e na outra direção os sentimentos atrelados ao poder que emana destes homens. A história é seu palco, o ser seu dilema. Cabe a nós – futuro do passado? – dar-lhe significado. Flávio Tavares parece ter encontrado o seu.

Há trivialidades que passam à história, como há banalidades que adquirem hierarquia de descobrimentos. Ou horrores que viram heroísmo. (E vice-versa.) Basta que o momento os propicie ou que haja, de permeio, um marco de grandiosidade ou emoção. Ou paixão. Ou de estupidez absoluta.

Notas

* Mestre em história social pela PUC-SP.

¹ Este testemunho está construído sobre fatos e documentos e, principalmente, por depoimentos orais ou resgatados à memória, alguns confirmados com outros, contemporâneos do autor.

² Trata-se de uma área de estudos que vem ganhando a atenção de novos pesquisadores.

³ A literatura de testemunho, entre outras tendências e definições, é o resultado de textos escritos por sobreviventes dos campos de concentração, por exemplo, ou dos cárceres das ditaduras. Ela não tem ficção mas possui uma forma ficcional. A título de cruzamento, um exemplo de literatura de testemunho é o livro *Recuerdos de la muerte*, de Miguel Bonasso (Buenos Aires, Bruguera, 1987), em que é narrada a experiência num campo de concentração durante a ditadura argentina. Temos, ainda, o livro do próprio Flávio Tavares, *Memórias do esquecimento*, no qual temos contato com as salas de tortura da ditadura brasileira. Ver, ainda sobre literatura de testemunho, NESTROVSKY, A. e SELIGMAN-SILVA, M. (orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo, Escuta, 2000.

⁴ O autor, pela simples exposição, mostra-nos o quanto os destinos latino-americanos se entrecruzam, seja no poder, nas políticas que são obrigados a adotar, na forma e no formato do saque sobre o poder, na manipulação das massas e também nas experiências individuais de exílio, fuga econômica, luta armada, imigração, posse da terra, entre outros tantos motivos que afetaram, e ainda afetam, milhões de pessoas. Esta é outra imagem que parece emanar do texto, ou seja, para além das estruturas e superestruturas do Estado, os homens são o seu caráter e este a sua crença., mas nenhum deles parece ser garantia de compromisso. E aqui, como pesquisadores, colocamo-nos a questão: até quando vamos deixar que o material histórico contido nestas experiências, nestes cruzamentos, perca-se em memórias? A história latino-americana parece precisar de muitos cruzamentos historiográficos.

⁵ Peculiar é uma das palavras mais suaves com que o pensamento conservador norte-americano pensa a América Latina. A esse respeito, ver: AYERBE, Luiz Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo, Unesp, 2002, pp. 9-61.

⁶ A modernidade teve a virtude de interromper o processo de soterramento da cultura histórica e viva dos povos pré-colombianos, diferentemente da Europa, onde a religião cristã, pela sua intensidade e duração, apagou quase definitivamente os rastros da cultura pagã, fazendo que os diferentes povos fossem esquecidos ou assimilados sem quase deixar vestígios. A América Latina talvez ainda viva seu “paganismo”, sua negritude, seu europeísmo, talvez para manter a sua identidade única, tão diferente da ética protestante e tão sincrética com o catolicismo herdado.

⁷ Não podemos fugir do território literário do realismo fantástico, tanto na forma como na visão dos acontecimentos, nascendo daí a apreciação literária do trabalho do autor.